

GT75: Sobre comer e viver na Amazônia: memórias, afetos e territorialidades

Carlos Dias Júnior, Miguel Picanço

Esse GT pretende receber trabalhos e pesquisas que discutem a alimentação na Amazônia e que têm objetivos ancorados nas memórias e nos afetos dos territórios amazônicos. As discussões sobre alimentação têm reconhecido a comida e o ato de comer como marcador das identidades coletivas, comunicando, assim, vivências alimentares com conceitos de pertencimento e de afetividades a um território. Ainda pensando em territorialidade temos um fenômeno mais específico que dialoga com as memórias e com os afetos. Dois temas ligados que ancoram a territorialidade às memórias alimentares (de infância, de sabores, de temporalidade, de família, de narrativas etc.) e também aos mais diversos afetos, os quais apontam para o alimento não apenas como nutriente do corpo, mas como ativador de relações interpessoais, de memórias e narrativas sobre um lugar e sobre a sua história.

'Pâad Xaa' ou uma teoria dâw da história à luz do engajamento com as plantas

Autoria: João Vitor Fontanelli Santos

Essa comunicação busca refletir sobre as formas engajamento do povo Dâw com o mundo vegetal em suas dimensões alimentares, históricas e políticas. Tal engajamento - e suas transformações - é elucidado pelas pessoas mais velhas desse coletivo através de sua história de migração. Ao longo da segunda metade do século XX, os Dâw experienciaram uma sucessão de (des)encontros com diferentes gentes humanas e não-humanas nas florestas interfluviais do noroeste da Amazônia brasileira, entre os rios Téa, Marié e Curicuriari, afluentes da margem direita do rio Negro em seu médio curso; até se estabelecerem em comunidade na década de 1980, nessa mesma margem de rio. Os eventos mito-históricos que se sucederam ao longo do percurso feito pelos antigos apresentam um profundo envolvimento dos Dâw com diferentes paisagens socioecológicas. Em meio a florestas densas de terra firme, pelos pequenos e grandes cursos d'água às campinaranas alagadas e às serras, os 'dâw tuuw' (caminhos dâw) acessam e atravessam varadouros, bosques de frutas, capoeiras, clareiras de roça, brejos incultos, cursos de rios e igarapés, sítios e comunidades de outras gentes. A história de migração dos Dâw é uma história sobre o engajamento com essas paisagens e seus viventes, fundamentais para a vida social do coletivo até os dias de hoje. As narrativas das pessoas dâw mais velhas são delineadas por percepções acerca da história que oscilam entre um tom de sofrimento transcorrido em diferentes momentos da migração - e motivado por diferentes razões - à fartura e vitalidade do modo de vida dos antepassados. Além disso, o engajamento recente dos Dâw com uma antiga capoeira em processo de tornar-se sítio, lugar recém-denominado 'Pâad Xaa', coloca para o coletivo ambas as percepções vividas no passado, isto é, as experiências traumáticas de exploração e fome assim como a sabedoria e afluência da floresta, apreendidas com os ancestrais. Para entender o sentido de 'Pâad Xaa' para o povo Dâw, assim como seu engajamento com o mundo vegetal - sobretudo no que tange à alimentação, à história e à política -, busca-se apresentar essa reflexão intercalando-a com narrativas de uma anciã desse coletivo; pela qualidade e detalhes de sua fala e por ela dar o tom do pensamento e engajamento socioecológicos do povo Dâw.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

